

Sarney diz ao "Post" que renegociação da dívida ajuda Brasil

Washington — O Presidente interino do Brasil, José Sarney, declarou que está determinado a prosseguir com a política e medidas de austeridade anunciadas pelo Presidente Tancredo Neves, que se encontra hospitalizado.

Em uma entrevista a **The Washington Post**, Sarney disse que a renegociação da dívida externa do Brasil, que está em torno de 100 bilhões de dólares, decidirá a sorte do primeiro governo civil que tem o Brasil em duas décadas.

O jornal destacou que apesar do agravamento da saúde de Tancredo Neves e a conseqüente incerteza política, Sarney afirmou que não haveria mudanças na decisão do novo Governo de tomar medidas "potencialmente dolorosas contra a inflação", que alcançou um índice anual superior a 230%.

Sarney sustentou que há limite no sacrifício que se pode pedir aos 130 milhões de habitantes do Brasil; os credores deverão admitir a necessidade que tem o novo Governo de encarar problemas sociais urgentes, assim como a ameaça que esses significam para a sobrevivência da democracia.

Dívida externa

O Presidente em exercício do Brasil fez seus comentários em uma entrevista a um grupo de executivos e jornalistas de **The Washington Post**, entre os quais figurava a presidente do jornal, Katherine Graham.

Referindo-se às medidas de austeridade, Sarney disse que estas surgirão por "decisão própria e não como uma imposição externa". Ao admitir que era "necessário apertar-se o cinto", José Sarney destacou que o Governo também acredita que existe "uma dívida social que é muito maior do que a dívida externa".

"A dívida externa criou barreiras insuperáveis", sustentou. "Há limites de saúde, de fome, de educação, há limites de sobrevivência. Se não levarmos isto em consideração, nosso plano fracassará."

"De nossa habilidade para negociar a dívida dependerá o êxito ou fracasso de nosso Governo", comentou, acrescentando: "Estamos conscientes de que não poderemos falhar".

Por sua vez, o Chanceler Olavo Setúbal disse que o problema da dívida "não será resolvido simplesmente com o aumento das exportações ou pelo desenvolvimento normal do mercado", como declarou o Governo de Ronald Reagan e outros governos ocidentais. Insistiu na necessidade de negociações políticas para o tratamento da dívida latino-americana.